

Luiz Cristovão dos Santos

Bilhetes do Sertão



``PRIMA`` - Editora
Av. João Pessoa, 409
Arcoverde - Pernambuco

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

Bilhetes do Sertão



"PRIMA" — Editora
Av. João Pessoa, 409
Arcoverde —o— Pernambuco

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

Billhetes do Sertão

apresenta:

"PRIMA" — Editora
Av. João Pessoa, 409
Arcoverde —o— Pernambuco
1950

DEDICATÓRIA

Ao advogado ANTIIOGENES CHAVES
em cuja sensibilidade marcada profundamente pelos canaviais de
AGUA PRETA tambem ressoa a extranha e selvagem poesia do
MOXOTÓ e do PAJEÚ.

Homenagem do autor

PREFÁCIO

Nós que vivemos na adustez deste sertão esturricado, e que dizem ser tão falho de inteligência e de capacidade de trabalho, temos a idéia de que lá fora nos julgam u'a massa amorfa de jeca-tatús idênticos ao que o cérebro portentoso de Monteiro Lobato concebeu... lá para as bandas do sul..

Nada menos verdadeiro. Temos poucas itaócas. O que nos falta é icentivo para as lides do trabalho e da inteligência. Estamos vivendo ainda no Brasil colônia, muito embora o nosso caboclo já tenha outra mentalidade e outros métodos de vida e de civilização.

A produção intelectual dos filhos do sertão é prejudicada pelo desinteresse de quantos poderiam dar um pouco de atenção ao que se produz. Os nossos caboclos, boêmios inveterados e cantadores natos, divulgam, editando por conta própria e vendendo de feira em feira, as suas produções. E quanta filosofia existe nos seus cantares!

O sol do sertão, o seu luar, as suas enchentes nas boas épocas dos invernos regulares as festas populares, do trabalhador do campo e das suas cabrochas desempenadas côr de jambo com o perfume inconfundível da carne moça, são motivos perenes de inspiração para os poetas analfabetos, mas cheios de um dom desconhecido que só a êles foi dado possuir.

Aparace vez por outra um Leonardo Mota para colhêr nas fontes a agua viva da poesia sertaneja. Mas Leonardo Mota foi privilegiado. Outros existem que colhem da mesma fonte e da mesma forma aquilo que é a alma do sertão em flor, mas que não contam com a compreensão dos que poderiam tomar interesse para divulgar-lhe a obra meritória, de registrar o belo-rústico e sentimental ou quixotesco da nossa gente.

A poesia mora na alma do sertanejo. Luiz Cristovão dos Santos tem na massa do sangue a alma da poesia. Fazendo artigos ou crôni-

cas para jornal, faz, sem o sentir, poesia pura. O seminarista-dezertor, hoje causídico de reconhecidos méritos, é o mesmo poeta de "Hino ao Sertão" ou "Adolecência". Nada perdeu do seu senso poético. O eterno enamorado do Pajeú, do Moxotó ou do Navio, das corôas de frade, dos mandacarús, dos chique-chiques é o mesmo sonhador que vê nos olhos das caboclas da terra do sol a mesma chama de amor e de virtudes.

Os seus amigos começaram a ler os seus já famosos "Bilhetes do Sertão" e intimaram-no a, desta vez, não os deixar esparsos pelas páginas do velho "Diario de Pernambuco". Pediram-lhe que enfeixasse em livro. Êle titubeou. Arreceou-se. Modesto, quasi não quiz aparecer. Mas resolveu aparecer mesmo e aí está êle em toda a sua pujança literária, mas de uma literatura puramente sertaneja como êle.

Isto quer dizer que não devemos pensar nos julguem jecatátus lá fora..

Agora umas palavrinhas sobre o editor-apresentante:

Ninguém menos indicado do que Antonio Napoleão para prefaciá um livro. Quasi analfabeto, rispido e rude como os cardos nordestinos, sem imaginação e já quasi sem entusiasmo, só poderia fazer o que fez. Deve ser desculpado de tudo quanto não prestou. *Noblesse oblige...*

No entanto, como editor, desprezando os trabalhos lucrativos da sua empresa, resolveu fazer a edição do livro com as possibilidades de que dispõe, esperando ter feito obra razoavelmente apresentável. Quiz e quer mostrar lá fora que no sertão também se faz coisa material apreciável.

Quiz mostrar o que o sertão pode mostrar do sertão, quer espiritual quer materialmente.

Que a crítica julgue os dois.

Antonio Napoleão

TERRA DO SOL

TERRA DO SOL

É preciso te amar, terra bárbara, sentir de perto a beleza das tuas coisas simples, as tuas árvores, o teu céu luminoso, os teus rios humildes — o PAJEÚ, o MOXOTÓ, o RIACHO DO NAVIO, — é preciso amar o destino heróico da tua gente, o risco vermelho das tuas estradas, a graça fresca e saudavel das tuas mulheres.

É preciso te amar para que não morra a esperança da Pátria comum, retaliada pelos profissionais da “salvação nacional” que berram pelo conforto dos grandes centros e esquecem criminosamente os teus problemas vitais, clamam por tudo que diz respeito ás metrópoles e abandonam as tuas cidades humildes.

E em verdade tu és o cerne e a reserva do mais arraigado sentimento de nacionalismo.

Não se poderá amar o Brasil sem te amar com intensidade, — estranho país de estranha gente — estiolado pelas sêcas mas bafejado pela brisa da Esperança que não morre nunca.

Um dia a técnica salvará o teu destino. Paulo Afonso fornecerá a energia para a concretização dos teus planos de estabilidade econômica. A açudagem fixará o homem, abrirá a estrada das tuas possibilidades e desdobrará o manto verde das tuas culturas, colorindo os teus vales fertes, os teus “pés-de-serra”, as tuas várzeas promissoras que esperam o milagre da técnica.

Então não se morrerá mais de fome na terra do Canaan. É preciso te amar, esperar por ti, chão querido, alma e coração de

um Brasil que se não deixou transformar nem mistificar e que não perdeu a graça nem a beleza que Deus lhe deu.

VISÃO DE IPANEMA

VISÃO DE IPANEMA

A igreja branca, meia dúzia de casas, o pátio quieto e os flamboiants floridos, como pinceladas na paisagem. Uma cerca de dormentes separa a Estação da "Great Western" da ruazinha. Ao redor, na planície apertada entre serras, fazendolas, cêrcas de aveloz, plantios de palma, o verde-garrafa dos joazeiros.

Quatro vezes por semana o trem resfolega, rangindo nos trilhos, quebrando por segundos a tranquilidade. Depois Ipanema cai no marasmo. O chefe da estaçõzinha de madeira, que lembra as casas dos filmes de far-west, deita o boné para traz da cabeça, senta-se no tamborete, coloca a bandeirinha ao alcance das mãos, para algum "automovel de linha" que passe feito bala, com gente graúda, em direção á ponta dos trilhos, para os lados de Afogados da Ingazeira. É verdade que passam os caminhões na estrada. Passam apenas, porque não ha posto de gasolina, nem bar, nem café na beira da estrada, com morenas de lábios sangrando à custa de **baton** "Lalaque" e Coca-Cola com gosto de "raspa de joá".

Tambem no inverno o Rio Ipanema se avoluma e rugue de água barrenta, arrastando calháus, correndo impetuoso para o São Francisco. Afora isto, Ipanema vive sem rumor, na paz de Deus e na tranquilidade dos homens. Um dia, porém, um pintor descobrirá Ipanema. Para, olha o pátio e os flamboiants floridos. A inspiração lhe queimará a cabeça. Então êle armará o cavalete, preparará a tinta e pintará uma aquarela. E escreverá o nome

depois: Tranquilidade.

Costumo passar por Ipanema e ante-ontem não me contive. Parei o carro debaixo das árvores, subi os degraus da igreja, onde a relva brota entre os tijolos velhos. Respirei a doçura da tarde morrente, o largo silêncio contemplativo que descia dos ceus. Para os lados da Serra do Mimoso o sol se afogava no crepúsculo sangrento. Flechas de ouro subiam entre nuvens tarjadas de roxo, como sudário imenso à beira da campa de um gigante. Foi quando apareceram as crianças, deram-se às mãos e começaram a dançar a ciranda, pisando as flores vermelhas que o vento arrancara:

“Ó CIRANDA, Ó CIRANDINHA
VAMOS TODOS CIRANDAR
MEU CORAÇÃO É DA ROSA
A ROSA DE QUEM SERÁ?...”

As vozes puras subiam como uma elegia. Um poema vivo de ternura. Nada perturbava o encanto da tarde, a pureza das vozes claras, as tranças soltas, a ciranda que reclamava a presença de Antonio Nobre e o pincel de Thomas Hearne.

Então tive pena dos que não acreditam na Poesia. Dos que afirmam que ela morreu e foi varrida na face do mundo. É mentira, irmãos, a Poesia mora em Ipanema. Eu a vi ante-ontem, na unção do crepúsculo macio, nos flamboiants vermelhos de tanta flôr, na graça amoravel das crianças, na doce paz que descia dos ceus, como o sorriso de Deus sôbre a vilasinha quieta e sem rumor.

FRUI DANIA

FREI DAMIÃO

Vi frei Damião pregando na santa missão em Custódia. Voltava de Betânia e notei desusado movimento nos camiuhos onde as cruces, em quantidade, assinalam as mortes e as emboscadas.

Depois de "Sitio dos Nunes", inqueri de um dos viandantes apressados qual o motivo da "romaria". E êle me respondeu com a face cheia de santa indignação por minha ignorância.

— Pois o sr. não sabe? Frei Damião vem aí, descendo de Manissobal.

E sem mais atenção, fustigou a burra cardã e abalou pela estrada. Pisei no acelerador e entrei em Custódia, onde a multidão se esparramava, galgando os degraus da Matriz, enchendo as ruas, derramada na praça embandeirada. Foi quando frei Damião chegou. O progresso havia modificado o profeta. Por que o frade austero já não percorre os caminhos, batendo as estradas com as sandalias humildes, a poeira braba lhe acinzentando a estamenha parda, pousando nas barbas grisalhas, como os profetas que outrora palmilharam os caminhos do mundo! Frei Damião saltou de um "jeep" ultra-moderno. Ao lado, o chofér, um frade moço, risonho e corado, de barbas côr de mel, a voz do tenor lírico, lembrando um jovem capitão dos Cesares que houvesse abandonado a Via Appia e andasse desgarrado naqueles mundos. Na parte trazeira da viatura, fios, arames, transmissores, ferramenta, altos-falantes, pick-up, todo o arsenal necessário à retransmissão e ampliação da voz temível do frade, nas pregações que abalam o sertão. Colocaram uma tribuna na calçada da Matriz. O frade mo-

ço, mecânico e chofér ligou os fios, preparou a engrenagem e a voz de frei Damião rolou sobre a multidão estarecida. A princípio o taurmaturgo descreveu as delícias do céu, os querubins tocando harpa e uma nuvem de incenso vagando no azul, entre anjos e santos. A multidão ouvia em silêncio, maravilhada e boquiaberta. Então, de repente, o frade mudou. Sacudiu os braços e soltou a maldição tremenda:

— Homens sem Deus, mergulhados na lama do pecado. Amancebados! Mentirosos! Adúlteros! Arrependei-vos dos vossos pecados.

E passou a descrever as torturas do Inferno. Labarêdas subiam, tochas ardendo, um relógio marcando: — “Sempre! Sempre! Nunca! Nunca!”, que são as horas da Eternidade. E no meio da fornalha, o suplício tremendo do fumaceiro de enxofre sufocando tudo. Aí a multidão se abateu, lábios ciciavam “Eu pecador, me confesso a Deus”, almas tremendo de pavor como corpos sacudidos de maleita. Junto de mim um matuto do Quitimbú tinha os olhos esgazeados. Cheguei mesmo a ver o suor lhe empastando a fronte morena. Uma velha traçou o chale com força, cobrindo a cabeça toda, temendo a baforada de Satanaz. E ao meu lado uma praça desatou o lenço que trazia ao pescoço, como se a coisa lhe abafasse a respiração. E voltando-se para um companheiro avisou que ia tomar uma “bicada” pois o cheiro do enxofre estava lhe sufocando a garganta. Depois frei Damião baixou os braços, serenou a voz. Nunca na minha vida vi silêncio maior. A praça parada, o povo de lábios chumbados, os olhos fitos no frade. Só o

vento inocente agitava de leve as bandeirinhas de papel-de-seda, que drapejavam acima das cabeças e livres do fogo do Inferno. Então o frade rezou. E a multidão respondeu contrita e imóvel, como se ao invés de milhares de bocas, ali estivesse apenas uma pessoa postada diante do pregador famoso, na hora aguda do “Juízo final”, prestando contas ao Altíssimo. Aquilo não era Custódia. Era o vale de Josafá.

CAMINHO DA INFÂNCIA

CAMINHO DA INFÂNCIA

O velho Zé Tomaz possuía uma engenhoca de fazer caldo e um sitio de fruteiras por trás da rua. Tinha as barbas brancas e solenes que lembrava o Padre Eterno que eu via no catecismo. Eu comandava a investida. A meninada enchia a várzea. E começava sorratamente a devastação no canavial, nas melancias, nas pinhas e nas bananas maçãs. Então emergindo de um tufo verde, as barbas ao vento e os braços magros volteiando no ar, “seu” Zé Tomaz soltava o berro de maldição e revolta:

— Cambada de dia-a-a-bo...

Vinham outros nomes. Ninguém porém os ouvia direito. O suco vermelho das melancias empapava a areia grossa da vazante. Cachos de bananas, canas e pinhas ficavam abandonadas que a correria era louca.

Né Marinho hoje é o mais competente Tabelião Público dos sertões. Naquele tempo era dandi, rapaz disputado pelas moças casadoiras. E ainda é o mesmo enamorado da cidadezinha natal.

“Seu” Kepler, lavava os pés á tardinha, numa bacia azul. Eu o apontava a turma, de fundilhos rasgados e suja de barro:

— Aquilo é que é moço educado!

Às vezes no mormaço do meio dia eu capitaneava o grupo que iludindo a vigilância de casa rumava para o açude, para o banho gostoso com gritaria e canga-pés. A água clara deixava ver no fundo a areia branca e os cardumes das piabas que beliscavam os menos precavidos. Junto ao paredão, bem perto do sangradouro, esbelta e verde, campeava uma pitombeira que ainda

hoje lá está, dando sombra e graça, perto da água tranquila. À sombra dela, sáia arregaçada deixando antever a carnação rija das coxas, a mulata Xarapa batia a roupa da fazenda. Dávamos mergulhos e após o banho ficávamos esquentando sol, que era a nossa toalha. Eu ficava deitado, olhando o azul profundo do céu emborcado lá em cima, onde o vento esgarçava nuvens brancas, cismando enquanto os outros trepavam á pitombeira. No silêncio morno fazia gôsto fechar os olhos, sentir, o sol, o vento macio, o cheiro da marcela. Os braços de Xarapa subiam e desciam batendo a roupa na lage, os seus seios firmes tremiam, gotas d'água rebrihavam na carne morena e a mulata cantava uma toada dolente de cujos versos um ficou para sempre:

“Lá vai a garça voando
Com as penas que Deus lhe deu
Contando pena por pena
Mais penas padeço eu...”

O céu azul riscado por asas de pássaro. O mormaço aumentando o cheiro ativo da marcela. O glu-glu do sangradouro, no sussurro da água corrente. E a paz, a grande e azulada paz do céu e do mundo deserto, ficava mais humana com a voz maguada de Xarapa, naqueles versos tristes que só hoje os entendo, tão distante dos caminhos da infância perdida:

“Contando pena por pena
Mais penas padeço eu...”

O sertão me entrava pela alma a dentro e eu me sentia

identificado com aquela paisagem que plasmava em mim a força das primeiras emoções, a personalidade surgindo no meio dos entre-choques quotidianos, de um mundo cheio de altos e baixos, na vida rude da vila perdida nos confins do sertão, á espera da civilização, do progresso e da Lei.

TRECHO DE NOVELA

TRECHO DE NOVELA

A casa ficava no alto, dominando a várzea, a cal brilhante ao sol, o alpendre sombreando a frente com as seis janelas que lhe emprestavam um ar de sobranceria e fausto, como as fazendas abastadas da região.

Em verdade a CAIÇARA era uma das mais prósperas fazendas de criar daqueles mundos do Moxotó. Ao lado o curral extenso, ao canto a baraúna velha, a cuja sombra ferravam e castavam os bichos. Para trás a manga imensa, toda cercada de pau a pique onde o gado se perdia na liberdade do pasto. E á frente, depois da cêrca de pedras, a várzea verde, toda plantada de fruteiras, onde não faltavam as bananas e laranjas e o milho e o feijão campeavam na época propícia. Após esta, o açude com o paredão estreito mas firme, feito de barro, á custa de animais e fôrça humana, de braços que suaram aterrando o paredão, camada e mais camada de terra vermelha, pacientemente "pilada" á prova das enchentes do Riacho da Barra. Ao poente ficavam as terras da serra, com mangas e pastagens reservadas ao tempo impiedoso das sêcas... De lá nos chegavam as noticias aterradoras que o preto QUELÉ trazia, de onças esturrando de noite, os olhos fuzilando, doidas por bezerros e cabritos. Do alpendre eu deitava os olhos para a serra que azulava no horizonte e me sentia atraído por aquele misterio de terra braba, com sussuaranas famintas urrando de noite, os olhos feito brasas. Em verdade porém, o nosso domínio era a várzea. Eu era o mais crescido do bando e alí era rei. Sabia onde estavam as fruteiras, capitaneava as investidas

para a várzea onde ficava o açude no qual se pescava curimatã. Certa vez morreu afogado o filho de um trabalhador no eito. Por isto, na época das cheias corria risco mergulhar na água barrenta e profunda. Uma tarde, nuvens côm de chumbo se aglomeraram no céu. O calor intenso queimava tudo. Então a chuva desabou pesada e forte, com o zig-zag azulado dos coriscos e os estrondos dos trovões. A velha Damiana queimou palhas bentas invocando o nome de Santa Bárbara. E á noite, enquanto a tempestade desabava, tia Perpétua rezou o terço, no quarto do Oratório, em companhia do povo de casa. O chão duro me calejava os joelhos. Ao meu lado prima Gracinha, de mãos postas e os olhos de veludo nas imagens. Meu pensamento, porém, andava longe. Que fariam áquelas horas as sussuaranas do preto QUELÉ? E Cazuza — lugar-tenente do bando — onde estava? Fixei o pensamento no açude. Logo cêdo iria tomar banho. Na certa estava enchendo. Dalí eu estava ouvindo o rugido do riacho tomando água, arrastando calhaus e até animais que a cheia surpreendia pastando na várzea. Chegava aos meus ouvidos a música dos sapos coaxando na festa da chuva. Tia Perpétua deve ter compreendido o meu intento. Porque, depois do terço, soltou a ordem tremenda:

— Amanhã, ninguém toma banho no açude!

Estirei-me na rêde e demorei a conciliar o sono... Aquela ordem doía em mim, como brasa. Logo cêdo, da janela da frente, ví a paisagem tentadora: o açude sangrando, moitas de capim e garranchos boiando no lençol barrento. E no céu, bandos de tetéus gritando assustados. Não tive dúvida. Descí os degraus, jun-

tei-me a Cazuza e o resto da meninada, para o banho proibido. Ao voltar, mesmo de longe vi Tia Perpétua no alpendre. Eu sabia o que me esperava. Pouco importa. Melhor fôra o banho no açude cheio.

● ROTEIRO PERDIDO

O ROTEIRO PERDIDO

De repente, Custódia me apareceu na curva da Contra-Sêca. A noite havia me surpreendido em plena viagem. E á luz das estrêlas, sob o mágico céu dos sertões, sentindo o cheiro agreste da terra revestida de pereiros e de quixabeiras, toda engalanada no milagre do inverno na noite embalsamada de junho, eu vinha evocando o passado, os itinerários da infância, tão cheia de marcos indeléveis, de fatos, de acontecimentos, que nunca mais sairão da lembrança.

Ali estava diante dos meus olhos a vila de Custódia, hoje cidade recolhida ao seu sono, sem rumor nem agitação como eu a amava, que a noite ia alta e as estrêlas esmaeciam.

Lembrei-me de Proust. Dos roteiros perdidos e dos caminhos ausentes, riscados no mapa do país da infância.

Em verdade amigos, eu não passo de um sentimental. Quem pode matar o garôto que vive no coração de cada homem?

Quem pode fazer silenciar a canção distante, vinda do fundo dos tempos, dôce canção de embalar, que as mães cantam junto aos berços, notas suavíssimas de ternura, que se destilam no coração, como o orvalho das madrugadas nas corolas abertas?

Porisso eu estava ali, que minha terra era aquele sertão bravo, de baraúnas e seriemas, de queixabeiras e chapéus-de-couro, do Pajeú e do Moxotó. Eu vinha para a romaria do passado. Para olhar novamente a paisagem amiga que os meus olhos fitaram, quando os abri para o mundo.

A "Fazenda Cangalha", as aguas do Bebedouro, a casa grande

de “seu” Né da Barra, o alto do Preto Fogo-Pagô, do velho Benício, que fazia chapéu de couro como ninguém. Muita coisa havia mudado. O tempo destroi. A voragem dos anos tem fome e tudo devora. Onde estava a igrejinha branca do padre Leão Verzeri, onde as corujas gemiam de madrugada e malassombradas passeavam sôbre as telhas escuras? E o Sargento Goiana rifle á mão, autoridade até debaixo dagua? E Erasmo de “seu” Samuel, alfaiate de ventre redondo e sopro macío no bombardino? E o fogueteiro João de Barros, de voz rouca, contando “causos”, caçadas de onça, encontros com Lampeão, visitas ao “meu padrim Padre Cirso” e tanta história que ele coloria com a imaginação fértil, trepado nos fardos de algodão de “seu” Antonio do Junco?

E o soldado Mané-Galo, sentado no tamborete, descascando cana caiana com a faca de penta, dizendo a Lampeão, num rasgo de audácia — “Vossa sinhoria só entrou aqui na vila, sem dar tiro, porque eu sô o único soldado destacado e tomo conta de seis presos, mas se tivesse outro, eu deixava êle aqui vigiando os detidos e antes de entrar na rua, nós ía ver quem era mais homem”.

Evoquei os meninos de “seu” Joaquinzinho, da “Cangalha”, do “Açude”, da rua da Várzea, criados ao sol e à chuva, companheiros de travessuras e dos bancos da escola da professora Dona, de “seu” Serapião, senhores do mundo e da vida, nos longos passeios pelas fazendas vizinhas e nas retiradas dramáticas da vila, quando Lampeão mandava bilhetes afoitos e aterradores a “seu” Antonio do Junco, pedindo dinheiro e jurando bala a papo-amarelo

e de rifle cruzeta. Evoquei os amigos primeiros das travessuras, banhos de açudes, caçadas de arribações, nas quais Cato-nho Florêncio era o rei da pontaria e das mentiras de arrepiar. Por certo que já não existem mais os moirões das porteiras, onde trepados viamos o gado recolher á tardinha. E as nuvens do mês de Maio?

Festa de São José, com a zabumba roncando e o fogueitório espantando os cavalos da matutada, alguns dos quais amarrados ao pé de côco catolé, que havia defronte á casa do velho Gomes e no tamarineiro de "seu" Joaquinzinho.

Grande e estranho mundo de aventuras, de liberdade, de sol ardente. Às vezes passavam as rêdes dos defuntos, enfiados em caibros longos, gotejando sangue, que o morto "brigara até morrer", como diziam os acompanhantes. Então a meninada seguia o enterro, subia a encosta ao nascente da vila, penetrava no pequeno quadrado do cemitério e via depositarem na terra vermelha o corpo dos que morriam por dá-cá-aquela palha. Tomava-se parte na vida em tudo: nas suas dôres, nas suas amarguras, nas suas alegrias.

AS LAGRIMAS DO PRÊSO

AS LAGRIMAS DO PRÊSO

No sitio POÇO VERDE, para os lados de Moxotó, houve um crime de morte. Vi o criminoso na cadeia de Inajá — um rapazão moreno, de olhar expressivo, tipo esplendido de sertanejo.

Era meio-dia, os presos faziam refeição frugal e costumeira: feijão, farinha e carne assada.

João Vicente havia almoçado e conversava comigo.

“Nunca pensei de matar alguém. Mas o senhor sabe como dói o nome de ladrão”.

E baixando a vista, a cabeça apoiada na grade suja numa voz que lhe atraía a emoção dolorosa:

— O sr. não imagina como eu sofro. Não é por mim. É por meus pais. Eles hoje devem aparecer aqui. Vão embora, para Geremoabo, porque a família do morto está ameaçando a minha.

Minutos depois, vi parar um caminhão encarnado á porta da Cadeia. Percebi que era a família do prêso que vinha para a despedida. afastei-me um pouco. E fiquei a ouvir o Cabo Pompeu me contando uma caçada de veado e tatú.

O caminhão parou numa nuvem de poeira.

O velho saltou e ajudou a velha a saltar da boléia. De cima da carroceria desceram os meninos: quatro crianças e duas mocinhas.

Só não desceu o cachorro que ficou latindo, trepado nos carecos da “mudança” que o caminhão levava na retirada forçada: a mesa encardida, a cama, os tamboretas, a esteira enrolada, o pote de barro. Os velhos entraram e se aproximaram das grades.

Os meninos também. Fizeram fila, em semi-círculo diante do prêso. Vicente Maria baixou-se e com esforço, pôz os braços fóra das grades e alisou a face dos irmãozinhos. Demorou-se com as mãos esquecidas na cabecinha da mais nova. Depois se levantou, estendeu os braços para a velha e ficaram assim no abraço doloroso, separados por uma grade de prisão. A velha abalada com aquela tragédia de deixar o sítio onde casara, fora feliz e onde nasceram os filhos, para tentar a vida, acompanhar o marido, já na velhice, nas terras extranhas de Bahia. Então — duas lágrimas rolaram das faces da pobre mãe. E também do filho prêso. Os soluços abafados, as lágrimas quentes, caindo em bagas, escorrendo pelas grades enferrujadas. Foi quando Maria da Graça, Maria do Céu, Maria da Soledade, os meninos e as mocinhas, romperam num pranto a princípio baixinho, depois impetuoso e forte.

O velho tinha os olhos vermelhos. E com dificuldade passando as costas das mãos na vista turvada, narrou tudo o que se passava. As ameaças de morte, o sítio vendido da noite para o dia, pela metade do valor, o caminhão de “seu” João Inocência, alugado por novecentos cruzeiros, e a fuga, a retirada, resolvida sem mais nem menos, para Geremoabo, para onde Deus quizesse. O pior era a velha adoentada, dizia o velho, já tão abalada e tendo que fazer um viajão daquele. E os meninos também coitados já cançados da poeira e do sol. Por ele não, acrescentava, com a alma pela bôca. Mas o filho preso sabia que ele também sofria muito. Há mais de trinta anos acostumado ao Poço Verde, com os roçados, a casa feita, o açudeco, o curral, o chiqueiro de criação,

tudo organizado, tudo certo. Deus daria um jeito, dizia o velho. E da Bahia escreveria, mandaria notícias de todos. No dia do juri apareceria para pedir ao Coronel Zé Bezerra, a “seu” Luiz Soriano, aos homens do lugar.

Então o chofér entrou e avisou que o sol estava esquentando, que era bom recomeçar pois os pneus não estavam lá muito bons e a viagem era braba. O moço preso ergueu a mão e disse assim:

— Benção mãe. Benção pai.

Eles disseram ao mesmo tempo

— Deus te proteja, meu filho!

Vicente baixou-se e mesmo com a grade interposta beijou a face dos manos. Sairam chorando e chorando tomaram o caminhão encarnado de “seu” João Inocêncio. O chofér ligou a maquina o motor roncou, o cachorro latiu com mais força, de cima dos cacarécós e o bruto partiu, para a Bahia, para Geremoabo, para onde Deus quizesse. Vicente Maria ficou abanando as mãos, os olhos cheios d’água, dizendo baixinho como no tempo da infância em Poço Verde:

— Meu pai! Minha mãe!

Não lhe ouviram a voz que o motor do caminhão roncava advinhando as léguas que ia vencer. Uma nuvem de poeira subiu, o caminhão desapareceu por traz da igreja velha. Lá fora o calor era tremendo. E a poeira cobria tudo. Devia ser por isto que eu estava com os olhos vermelhos. Eu e o cabo Pompeu.

OS “GENERAIS” DE CHAPÉU DE COURO

OS "GENERAIS" DE CHAPÉU DE COURO

Visitei BETÂNIA, em pleno coração do RIACHO DO NAVIO. Poucas vilas sertanejas possuem tradição mais viva e história mais trepidante do que esta vilazinha do município da CUSTÓDIA, batisada pelo saudoso vigário e grande amigo da terra Padre José Ribeiro e onde, de calças curtas, brincou de "cangaço", trazendo á guiza de cartucheira uma "enfiada" de sabugos de milho, o dr. Ribeiro do Vale, atual procurador da República em Pernambuco. Pasto querido de Lampeão, reduto famoso de homens valentes, que encheram o passado com a fúria das guerrilhas e das lutas cruentas Betânia tem um lugar destacado na história das façanhas guerreiras, quando o sertão ainda esperava a força coercitiva da Lei e a influência benéfica da Civilização.

Guardo desde a infância o nome de Betânia, aureolado pelo clarão dos papo-amarelos e dos bacamartes cuja fumaça tisonou a face dos generais de chapéu de couro do cangaço. Era a legenda viva e tumultuosa dos homens de bronze, dos heróis de aço e lama, que escreveram os capítulos de fogo da história da terra bárbara. Por ali rolava mas "volantes", nos entreveros com os bandidos, no labirinto cinzento das caatingas. Por isso quando cheguei á Betânia sob um sol faiscante, fiquei a olhar a vila tranquila branquejando na manhã luminosa, escondendo com a poesia cristã do seu nome o passado pontilhado de cruzes e de mortes. Cada esquina da vila quieta guarda a história de uma façanha. E as cruzes dos caminhos são as páginas de um passado agitado onde espoucaram os mosquetes nas "razzias" tremendas. Por ali passaram

os Marcolinos, José de Sousa, os Rajados, José Liberal, o velho Manoel Pequeno, campeão das empreitadas sinistras e no meio de todos, rude e terrível, pisando forte como um rei nas terras do seu domínio, Cassimiro Honório, o mais famoso bandoleiro dos sertões do Riacho do Navio, junto de quem Lampeão era café pequeno e Antonio Silvino engatinhava. Esses eram os homens que ficaram em torno de Betânia os limites da bravura e da valentia da zona mais belicosa de Pernambuco — o Riacho do Navio.

Tambem ali perto campearam de armas á mão, Luiz Padre e Sebastião Pereira, mestres da estratégia matuta, cujas façanhas ainda hoje reboam pelos sertões. Certa vez Lampeão atacou uma fazenda nas proximidades de Betânia. Os donos apareceram de repente, por trás de um chiqueiro de bodes. E meteram o rifle prá cima. Depois de horas de tiroteio, apesar da superioridade numérica e da fama dos atacantes, o capitão Virgolino recuou. Brigaram sorrindo, chamando nomes feios, dizendo palavrões de arrepiar. Cada tiro correspondia a um doéstio. Cada estampido, a uma palavra suja que cortava como bala de chumbo. Quando cessou o fogo os da fazenda deram uma risada. E gritaram para Lampeão que fosse tirar o cheiro de mijo...

Eram assim os bambas de Betânia. Iam para a luta como os outros vão para o noivado. Hoje Betânia vive tranquila, com a sua gente acolhedora e tenaz, entregue ao comércio ativo, á agricultura e á pecuária. Possui seus armazens de cereais e de peles, as melhores da região. Um distinto estudante, irmão do Capitão Olimpio, falou-me eternecido na vila famosa. Senti nas palavras do

jovem Ferraz que aquela gente ama o palmo de chão natal com o complexo telúrico rolando nas veias. Sai á tardinha. Deixei Betânia com o seu povo trabalhador, de voz pausada e gestos mansos. Moças risonhas enchem a vila do encanto moreno das sertanejas.

Despedi-me do amigo que me abriu o lar hospitaleiro. Á saída ele me presenteou com uma garrafa de mel de mandasaia, leve, perfumado e saboroso. Era Luiz Epaminondas, comerciante e homem de prestígio, afável, maneiroso, de olhos claros e ar de capitão holandês. E por cima, sobrinho de Sebastião Pereira — o treme-terra do Riacho do Navio.

A ZABUMBA E O CANGACEIRO

A ZABUMBA E O CANGACEIRO

Inajá é uma cidadezinha da ribeira do Moxotó. O casarío se estende no plano, no centro a Matriz e no ângulo da praça um tamarindo velho. De tarde, o vento levanta poeira, faz barulho nas janelas, que estrondam, joga areia nos olhos. E ao poente da rua, numa curva macia, o rio sertanejo envolve a cidade amorosamente.

Carnaúbas farfalham nas margens, os leques gentis misturados na garrancheira das quixabas. E imensas caraibeiras, cobertas de flôr amarela, emprestam á paisagem cinzenta uma nota de estranha e poética beleza. Um céu de ouro vivo sobre a terra queimada. Não conheço nada mais belo nestes mundos do Moxotó, do que as velhas caraibeiras floridas. De longe, parecem tóchas ardendo. De perto, ah! buquês rescendentes, compactos e doirados, na paisagem combusta. Á sombra amiga, as cabras esperam que o vento despetale as flôres. A seca estiola os campos e mata os rebanhos. Então as caraibeiras oferecem a flôr amarela para a fome dos animais. Aos bodes e ás piranhas. Poço do Moxotó, de agua fria e azulada, a cuja margem flora a caraibeira, guarda a traição das piranhas vorazes. Piranhas são doidas por flôr de caraibeira. Ficam á tona, agressivas e numerosas. E ai de quem mergulhar na agua fria e gostosa.

Um dia desses, terminada a audiência, o dr. promotor foi me mostrar a cidade. O dr. Juiz ficou no cartório despachando a papelada, serviço eleitoral, na certa. Foi quando ouvi o ronco da zabumba. A “esquenta mulher” parou á porta da Matriz. Vieram

uus bancos singelos. Se não me engano era vespera de festa de santo. Apareceu uma garrafa, um copo distribuiu a “bicada”, e a zabumba atacou a “Saudação do Santo”. Foi chegando gente. Sentei-me num tamborete e fiquei olhando a “retreta”. Ao meu lado, impertigado, mãos nos bolsos, quéri em cima do olho, o cigarro apagado no canto da boca, um soldado era toda atenção. Depois, terminada a “peça”, ele pediu:

“Mestre” Nicó, ageita os meninos para a “Caçada da Onça”.

Houve uma pausa. Nova “bicada”. E a zabumba atendeu o pedido do praça. Era uma espécie de toada, na qual, de repente, os pifanos ficavam sozinhos, imitando o latido e o grunido dos cães. O bombo roncava feito onça ferida e o taró acelerava como pés de animais em disparada. Aquele é o maior numero da zabumba de Inajá. Os musicos capricham. Antonio Matias no bombo, Pedro Clarindo na caixa, Nicomedes Moraes (Nicó) e Antonio Ferreira nos pifanos. Depois vieram outros pedidos. Um baião, toadas e até uma valsa arrastada e dolente. Então me disseram uma coisa enorme. Aquele soldado era Euclides Vieira de Souza, veterano das volantes, herói do “fogo” de Cachoeirinha, de Favela e do Poço Branco, “cabra” valente da escola do coronel Lucena, de corpo furado de bala no fogo de Olho Dágua, sob o comando de Optato Gueiros, com 25 anos de caserna, dos quais a maior parte passou nas volantes, tiroteiando Lampeão, arriscando-se, varando caatingas, comendo farinha com rapadura e chupando raiz de umbú, esquentando o “papa-amarelo” nos tiroteios, e hoje, ali sem uma fita de promoção, herói anônimo e silencioso, esperando a

morte tranquilamente depois de tantos anos de vida arriscada, esquecido dos governos, vendo todo santo dia promoção para muitos que não fizeram nem metade do que ele fez.

E mestre "Nico"?

Ah! "mestre" Nicó? Era Nicodemos Moraes — baixo, moreno, atarracado, cara quadrada —, nem mais nem menos, o Nicó do grupo de Lampeão, que deu trabalhos às volantes, a Manoel Neto, ao cel. Lucena, a Optato Gueiros, a Higino, e, em 1927, em companhia de outros "cabras", caiu prisioneiro no fogo de Vila-Bela, curtiu cadeia, deu com os ossos em Fernando e agora ali estava, os dedos calejados do mosquetão e do rifle-cruzeta, amaciados no trato do pifano, mestre de zabumba e artista querido do povo. Depois, já quasi noitinha, eu vi o soldado Euclides e mestre Nicó recordarem as façanhas passadas.

Desapareceram o volante e o cabra.

Naquele momento eram dois pacatos sertanejos, dois filhos de Deus, que andaram por caminhos diversos, trocaram tiros de rifle, na fúria dos tiroteios e ali estavam na tarde tranquila, no pátio da igreja, o vento do Moxotó varrendo a rua e trazendo a lembrança dos encontros sangrentos e das escaramuças, irmanados pela humilde musica da zabumba de Inajá.

A DONZELA TEODORA

A DONZELA TEODORA

Depois que a mulher morreu, companheira de tantos anos, o velho vendeu o que tinha: um pedaço de terra, os animais, uns sacos de milho e feijão que eram o resto da safra, juntou o que julgou necessário e em companhia das duas filhas já mocinhas e do filho homem abalou pelo mundo.

Naquela bifurcação da estrada falou com o dono da terra, cortou folhas de catolé, derrubou algumas madeiras linheiras, caibros e ripas e fez com os recursos de que dispunha um "rancho" largo e arejado com uma porta sob o alpendre coberto de saia de ariú.

As mocinhas limpavam o terreiro fronteiro que ficou um brinco, e o rapazola cortou umburana e canafístula, fez quatro tamboretas, um banco estreito mas confortavel. Barreado o rancho, posta a mobília na saleta, apareceu uma taboleta desajeitada: HOTEL DOS ROMEIROS.

Os caminhões que demandavam a Bahia, os que vinham com o feijão de Tacaratú, outros que abalavam para Arcoverde e Floresta, os que transportavam as cargas místicas dos romeiros de Solidão começaram a parar ali na frente do hotelzinho modesto onde não faltava o cafezinho quente, feito na hora, uma bicada de aguardente "temperada" e, vez por outra, cheiroso e gostoso, um naco de veado, um tatú gordo, aves assadas no espêto, pois o rapaz quase toda manhã, caçadeira ao ombro, mergulhava no mato e trazia em companhia da cachorra "piaba", juritís e arrições, algum veado avermelhado, um péba ou um "verdadeiro", mole de

de tanta banha. E ia feliz a vida do velho e dos filhos, no hotelzinho da beira da estrada. É verdade que vez por outra se lembravam da velha falecida e que naquela hora seria tão necessária. Estava com Deus, dizia o velho ainda não costumado com o frio da solidão.

O pouco com Deus é muito, — dizia o velho, na sua filosofia de sertanejo. As mocinhas não diziam nada, recatadas, tranquilas, tão puras na graça singela que Deus lhe deu. O destino, porém, faz das suas. Ele corta às vezes a felicidade e arma os dramas sangrentos, as tragédias horripilantes, os capítulos negros da vida. Foi o que aconteceu com o HOTEL DOS ROMEIROS. Certa noite bateram á porta. O velho riscou um fósforo, acendeu a “placa”, chamou as mocinhas e o rapaz. Eram alguns freguezes: um chofér e três calungas de um caminhão “Cara Branca” que descia da Bahia e alí parou para a “guarnição” espantar o sono com café quente. Aberta a porta entraram e se aboletaram nos tamboretas. Foi um minuto para água ferver na marmitta de flandres e o cafezinho fumegar nas xicaras de “pó de pedra”.

Um “calunga” imenso de camisa grossa, sujo de óleo, urrou num vozeirão de orangotango faminto que estava com vontade de comer um boi. Não veio um boi mas apareceu um pedaço de carne de sol assada, com farinha. Após o repasto, começaram a beber aguardente. Esvaziaram a primeira garrafa. Depois outra, mais outra. E foi a conta: A guarnição do “Cara Branca” ficou embriagada. Foi quando um “calunga” disse: — Bem, para a coisa ser melhor, agora eu quero a morena. Outro acrescentou: — Eu

quero a outra. E da palavra passaram a ação. Cada um quiz agarrar á fôrça as duas pobres mocinhas. Foi quando o velho pediu que deixassem daquilo. Era um pobre homem, não gostava de barulho. Então o cabra baiano, afoito e ruim, chamou um nome cabeludo ao velho. Uma das moças correu para traz de casa, perseguida pelo conquistador. A outra ficou se debatendo nas mãos enormes do orangotango. O velho não teve duvida. Foi atraz da arca onde guardava farinha, tirou de lá o papo-amarelo e fez fôgo. Com o estampido aumentou a selvajeria dos assaltantes. Deixaram as moças e se atracaram com o velho que ficou pelo chão rolando na luta desigual e tremenda. Lá fóra "Piaba" latia furiosamente. Então imersa na sua beleza heróica, Maria dos Anjos, a mais velha, não perdeu tempo. Apanhou o rifle caído ao lado, levou a alavanca para frente, a bala correu celere para a agulha e o dedo premiu o gatilho. A bala de chumbo do papo-amarelo varou o peito cabeludo do orangotango. Depois Maria dos Anjos correu a salvar a irmã. Ela estava caída, quase vencida, sob a sanha bestial do outro "calunga" que tentava força-la. Outro estampido fôfo cortou o silêncio. Feridos e cambaleantes diante da reação heróica, subiram a custo para o caminhão. O motor roncou e o "Cara Branca" partiu levando a carga dos demônios grunhindo de dôr, o farol batendo ás trevas, abrindo uma clareira na noite escura.

Então as moças levantaram o velho, deram uma xicara de café quente e se recolheram para o silêncio da camarinha, aguardando que o dia surgisse. De manhãzinha, quando o sol nasceu ainda tudo era quietude e paz no hotelzinho modesto da beira

da estrada onde duas mocinhas guardaram a inocência que Deus lhes deu, á custa de bala e, sacudida pelo vento livre, oscila uma placa com o letreiro desajeitado: HOTEL DOS ROMEIROS, á beira da estrada que dá para o estranho país do PAJEÚ.

DO SÃO FRANCISCO AO PAJEU'

DO SÃO FRANCISCO AO PAJEÚ

Ante-ontem, tomei café em Petrolândia, diante das águas largas do São Francisco. Veio por outra, nas minhas andanças profissionais, surpreendo-me a olhar enamorado as águas barrentas do mais brasileiro dos rios. E evoco o seu passado rutilante, quando o "rio sem história" de Licínio Cardoso, era a força poderosa da unificação nacional, trazendo os missionários para as vilas nascentes, os vaqueiros para as primeiras etapas da "civilização do couro" do Nordeste e jogando os garimpeiros para o facínio do Oeste selvagem, onde rutilavam os diamantes e as esmeraldas povoavam de sonho a cabeça de BORBA GATO e o coração de PAIS LEME.

Era o São Francisco, ajudando a fincar as estacas da realidade geográfica, unindo as províncias do Sul, do Centro e do Norte, irmanando as Raças formadoras, caminho natural das penetrações, oferecendo os meios de civilização e cultura, a Pátria imensa que surgia sob as botas de couro dos bandeirantes e ao som do abóio dos vaqueiros. Ah! Rio de São Francisco heróico, cheio de lendas e de histórias, ninguém pode silenciar a voz das tuas águas rolando na História, perene como o canto maguado dos teus canoeiros de bronze: Ninguém pode apagar no mapa o traçado do teu curso, feito mãos poderosas unindo os quadrantes da Pátria. Ninguém pode descrever do teu futuro porque seria mais fácil silenciar o ribombo da Paulo Afonso do que negar a grandeza do teu porvir.

Depois segui de rota batida, para almoçar em IBIMIRIM,

no Hotel Moxotó. (Carne assada, feijão, arroz, queijo de coalho, goiabada de Flores, água de barreiro) (Em RIACHO SECO apaguei a Central e fui á Custódia). Tomei a variante, jantei em Sertânia e fui dormir no hotelzinho de São José do Egito. Olho o mapa de Pernambuco confeccionado otimamente pelo Serviço Nacional de Malária e vejo que atravessei o Estado, na sua parte central, subindo de baixo para cima, indo terminar a viagem na ponta de espada que fura o peito heróico da Paraíba. Mais de trezentos quilômetros, por causa das variantes no percurso, e se a viagem foi demorada é que visitei os Cartórios, conversei com amigos tomei anotações necessárias á minha seara. O carro era do Recife e, depois de Sertânia rumo a São José, notei que o chófer dava mostras de sono. Era um tipo alto e moreno, mestiço do litoral, bossista e pernóstico. Então puxei conversa. Dai a pouco o "volante" abriu a boca e começou a cantar.

Olheio-o de soslaio, metido na roupa de "tubarão" azul-marinho, os cabelos repuxados á custa de brilhantina, a gravata vermelha destoando na paixão do azul, pois até a camisa era azulada. Então a viagem se transformou em serenata ambulante. A principio o chofér cantou um samba. Depois vieram umas valsas. E como ele era admirador de Augusto Calheiros, fechou-se o tempo. E não faltou valsa chorona, solfa de apaixonado, cantiga de cristão infeliz nos amores e outras coisas mais dolorosas do ex-sestreiro de Garanhuns que o chofér não derramasse no ar, as mãos na direção, afugentando o sono e pondo os meus nervos á prova de fogo. Assim, quando o relógio marcava a hora do corvo de

Allan Poe, divisei escondida nas trevas e trepada na colina, a pacífica e leal cidade de São José do Egito. Nuvens grossas tentavam encobrir a face raquítica da lua de começo de inverno. Enquanto a dona do hotel preparava a cama PATENTE avancei poucos metros e na PRAÇA DA BANDEIRA mostrei ao chofér o busto de ANTONIO MARINHO, cantor do PAJEÚ violeiro dos Sertões, imortalizado no bronze. O chofér olhou para o busto aliás parecidíssimo com o Major Possidonio Gomes do RIACHO DO MEL e perguntou-me se aquele “cristão” que merecera uma estátua, “era coronel de eleição ou pai de deputado”. Disse-lhe que não. E contei a história simples de ANTONIO MARINHO, um sujeito boêmio que trouxera do berço o ouro da inteligência e passara a vida de viola em punho enchendo de música os barracos do PAJEÚ, cantando nos casamentos e nas festas, varando as noites improvisando nos desafios famosos, mestre da gloza e do repente, artista querido do povo, deixando depois de morto o nome evocado carinhosamente pela gente sertaneja, cuja vida ele suavizou com a poesia bárbara de menestrel caboclo. O chofér tinha os olhos fitos no busto do poeta matuto, olhando do alto do pedestal a cidadezinha que ele amou, adormecida na noite nublada. Ficou pasmo diante do relato daquela vida simples, tão cheia de sensibilidade. Era cantador de serenata na praia do Pina, disse-me ele. E notei que estava comovido diante do busto onde ANTONIO MARINHO emudecido pelo bronze, tem na certa, vontade de improvisar e de glozar. O chofér não se conteve: — Desça dai mestre ANTONIO MARINHO. Numa noite dessa com chovisco e frio,

só viola e cerveja.

Então, sem mais nem menos, abriu o par de queixo, na praça adormecida e cantou em homenagem ao cantor sertanejo, o SENHOR DA FLORESTA de Calheiros. Depois o silêncio reinou na Praça deserta. Ao voltar, pareceu-me ter ouvido a voz de ANTONIO MARINHO descer do busto.

— Malandro do Pina, vai dormir que teu mal é sono!

E era mesmo.

O VIGÁRIO DE SERTÂNIA

O VIGÁRIO DE SERTÂNIA

Monsenhor Urbano é sertanejo da gema. Nasceu no Belmonte e descende dos Carvalhos que se fixaram no Pajeú, luziram em feitos e trabalhos, quando levantaram os primeiros currais e as primeiras fazendas que depois foram as vilas e as cidades nos primórdios da civilização sertaneja, a que mestre Capristano de Abreu chamou pitorescamente a “civilização do couro”.

Baixo, forte, gestos mansos, olhar penetrante, a Diocese tem naquele vigário humilde um dos seus grandes valores. Corre mundo a fama de monsenhor Urbano de Carvalho como orador e profundo conhecedor do vernáculo. É uma especie do padre Otaviano, vigário do Piancó, sem ter porém como o padre paraibano, a láurea da imortalidade de uma Academia de Letras. Foi monsenhor Urbano quem me ensinou os rudimentos de gramática, no velho “Colegio Cardeal Arcoverde”, instalado em sobrado malassombrado, ainda hoje existente em Pesqueira. O Colégio do então padre Urbano recebia os meninos dos sertões. Vinham espantados, agressivos, pés compridos nos sapatos ringidôres, lanhados de espinhos e queimados de sol. Então padre Urbano os recebia, risinho e afável, para desbastar as arestas nascidas na liberdade do pátio das fazendas, na vida livre dos campos. Era um São Francisco caboclo pregando áquelas aves agrestes que esvoaçavam de encontro aos janelões do velho sobrado. Não usava de violência nem erguia a voz. Persuadia com os gestos e as palavras da imensa ternura humana que lhe brotavam no coração. E tal era a orientação que imprimia aos estudos, promovendo reuniões literárias,

levando á cena pequenos dramas, incentivando, abrindo as almas clareando as inteligências infantis, que, pouco tempo depois, os bugrezinhos do Moxotó e do Pajeú declamavam versos de Castro Alves, de Bilac e de João de Deus, com a voz desacostumada dos abôios.

Dom José Lopes — de saudosa memória — mandou que constasse em ata, ter sido o padre Urbano “educador emérito de várias gerações sertanejas”. Hoje monsenhor Urbano é o vigário de Sertânia. Os trabalhos de intenso apostolado não lhe abatem o ânimo. Constróe um santuário na cidade. Ergue, a golpes de tenacidade, um Centro de Estudos em Custódia. Funda um albergue para os pobres e tem quase pronta a nova Casa Paroquial. Está à frente de suas freguesias e ainda tem tempo para, no meio de seus livros e dos seus quadros familiares, no gabinete modesto onde uma caveira sorri da humana vaidade, meditar, estudar e escrever artigos para os jornais.

As vezes apareço por lá, para um bate-papo amigo. E se é hora, tomo parte na ceia tipicamente sertaneja, onde existe além de queijo assado, o melhor pirão de cuscús deste mundo. Os ex-alunos do monsenhor andam por aí: deputados, médicos, bachareis, padres, engenheiros e fazendeiros turúbas do sertão brabo.

Um dia destes, abalei-me para os serrotes da fazenda “Açude”, nas abas das serras de Custódia. Saí cedo mas cheguei atrasado. O homem põe, Deus dispõe e os pneus que estouram, contrapõem. Monsenhor já havia celebrado os casamentos e administrado o batismo, na fazenda de “seu” Quincas da Barra. E regres-

sava, trepado numa fobica 29, barulhenta e fumegante. Sem a minha presença, o meu compadre ficou triste, com o filho pagão, mas não substituiu o padrinho. Aguardaria a minha presença.

Foi assim que me disse monsenhor Urbano quando nos encontramos na estrada. Nem precisou que eu lhe pedisse para voltar. E foi um alegrão, quando chegámos, e mesmo tarde, o batizado se realizou. Então eu e o amigo estreitámos os ossos no primeiro abraço de compadrão.

De noite, aos solavancos, regressamos á Sertânia. Durante a viagem evoquei o bom tempo do Colégio. Os amigos da infância, uns espalhados pelo mundo largo, outros já adormecidos para todo o sempre. Recordei as tertúlias literárias das quintas-feiras, os dramas do fim do ano. Então pedi ao monsenhor Urbano que declamasse. E novamente, como no tempo passado, aos solavancos da estrada, na noite estrelada cobrindo o sertão adormecido, Monsenhor declamou a "Ode aos Dois de Julho", "O Fantasma e a Canção" e outros poemas.

Aquela não era uma viagem de volta. Em verdade era uma fuga ao passado. Ali estavam novamente unidos, tocados de uma saudade que não morre nunca, o professor e o aluno. O discípulo e o mestre querido da infância que ficou para trás, levada pelas asas do Tempo.

CABOCLA

CABOCLA

Amanheceu. Tons côm de rosa, coroando a Serra da Prata, na manhã indecisa. Um vento frio arrepiava as baraúnas. Os galos amiudaram o canto e patos selvagens, em vôo sereno, riscaram o céu.

Um carro de bois, carregado de lenha, chiou na estrada. No curral o leite quente e grosso espumava nas cuias. A fazenda retomava a faina diária, interrompida pela noite de sono pesado. Então Cabocla seguiu pela verêda entre ramos húmidos de orvalho noturno, em direção do açude. Uma pedra avançava para a água, entre moitas cheirosas de mal-me-quer. O corpo de Cabocla desenhou-se na manhã clara, como uma alegoria bronzeada. Mergulhou a ponta do pé na água azulada. Um arrepio de frio lhe estremeceu a carne morena. Escondido pela vegetação que circundava o local o corpo da moça traçou no ar o vôo do mergulho. Depois nadou para o paredão, deixando atrás a renda da espuma. E ficou boiando como uma flôr de estranha beleza que o rio tivesse arrastado na fúria da enchente. Depois veio vindo para o ponto de partida. As mãos mergulhavam, davam impulso ao corpo gentil que deslizava ligeiro, naquele quadro primitivo, com mato verde, gitiranas silvestres e virgem morena na água tranquila.

Depois Cabocla saiu do banho, água escorrendo pela carne macia. Os cabelos negros e molhados caíam sobre as espáduas nuas. O sol da manhã festiva lhe boia a nos olhos. A adolescência traçava nas curvas do corpo os roteiros daquela primavera de carne que desabrochava. Cabocla vestiu o vestidinho de chita

encarnada. Pôz uma flôr nos cabelos. E retornou tranquilamente o caminho de casa. Á noite, no pátio, a velha Damiana reuniu a meninada para as histórias de trancôso. Do Gigante que vivia na mata. Da Sereia que morava no' fundo das águas e atraía os pescadores. No outro dia, antes do banho, **Cabocla** pensou na sereia. Boiando nágua azulada, entre flocos de espuma, na floração esplendida da carne morena, nem sabia **Cabocla**, na sua graça amavel, que ela sim, era a Sereia encantada, enfeitiçando o Sertão.

AS LAVADEIRAS DO MOXOTÓ

AS LAVADEIRAS DO MOXOTÓ

Ali termina Pernambuco. E depois da corrente que o Posto Fiscal estende sobre a estrada, começa a terra das Alagoas.

Esprimido entre serras e boqueirões, deslisa o Rio Moxotó. Para trás ficou Inajá. E á frente está Mata Grande.

O sol rebrilha nas pedras da serra e na água do rio que refulge como chapa de metal líquido. O vento agita o leque das carnaubeiras que se enfileiram nas margens. Arranca a flôr amarela das canafistulas. E esgárça as nuvens ligeiras que vagueiam no céu. No recúo do horizonte a mancha azulada das serras. E as cristas abruptas, os boqueirões em riste, convulsionam e dão beleza áquele pedaço da terra formosa dos sertões. O rio tem quase uma legua de água represada, no poço comprido o esverdeado. Fiquei enternecido ouvindo a voz maguada das lavadeiras, á sombra das arvores e á beira do rio. Batem roupa e cantam felizes, esquecidas das agruras da vida. Ás vezes uma começa baixinho quase em surdina, a toada dolente. Voz sofredôra cantando os versos que machucam a alma e embalam o coração. A companheira mais próxima repete o estribilho. Outra alteia a voz. E assim a canção que ninguem sabe quem a compoz, se eleva nas vozes claras á beira do rio, junto da água tranquila, sob a paz do céu profundo:

“AI, AI,
AI, AMOR.
CATINGUEIRA DE PERNAMBUCO
FLOROU MAS NÃO VINGOU”.

Pernambuco é ali pertinho. De lá veio alguém acordar um amor que morreu, um sonho que se desfez, uma paixão que o destino matou. E a voz amorosa da cabocla diz aquele verso como se evocasse a visão querida:

“CATINGUEIRA DE PERNAMBUNCO
FLOROU MAS NÃO VINGOU”.

Então a alma atormentada faz um apêlo que é o verso triste, partido do coração:

“SE EU SOUBESSE QUE CHORANDO
EMPATAVA A TUA VIAGEM
MEUS OLHOS ERAM DOIS RIOS
QUE NÃO TE DAVAM PASSAGEM.”

Mas ai, que mentira! Coração de moça bate com força quando vê o ingrato que volta. De nada vale o despeito do amor que foi espinhado. A vontade de ir embora, de evadir-se, de fugir daquela saudade que atormenta a alma. Porque em verdade o amor ao chão natal é mais forte do que a paixão mentirosa do ingrato. Então ela canta:

“VOU-ME EMBORA DESTA TERRA
NEM TÃO CEDO VENHO CÁ
SÓ VOLTO... DIA DE ANO
PELA VÉSPERA DO NATÁ”.

Porque seria muito, por causa das lábias do namorado volúvel, deixar-se o sítio, a vila, as novenas, as festas do terreiro e correr o mundo de Nosso Senhor, para afugentar a mágua do amor

traído. Porisso a voz da terra é mais forte. E a saudade acorda no coração fugitivo a mensagem das coisas simples da vida rústica. Então pelo mesmo caminho da fuga, voltam os passos para a terra natal:

“SÓ VENHO DIA DE ANO
PELA VÉSPERA DO NATÁ”.

Às vezes, há o rompante de valentia velada de caboclo:

“MINHA GENTE EU SOU DO NORTE
NÃO ABORREÇO A NINGUEM
EU PEÇO POR CARIDADE
NÃO ME ABORREÇAM TAMBEM”.

Tambem o ciume aparece no verso que é um desabafo:

“VOCÊ DIZ QUE ME QUER BEM
É MENTIRA, NÃO QUER NÃO
SE QUIZESSE EU ERA A DONA
DE TODO SEU CORAÇÃO”.

A história amorosa é resumida em quatro versos. Quatro linhas e todo o drama, o olhar furtivo na festa das fogueiras. O namôro rápido, o casório:

“EU LHE VI PELO SÃO PEDRO
VOCÊ ME VIU NO SÃO JOÃO
DESDE ENTÃO NÓS TAMO JUNTOS
ALMA, CORPO E CORAÇÃO”.

Este é o amor do sertão, sem meio termo, completo, instintivo,

integral. O Moxotó deslisa para o São Francisco. E leva nas suas águas a lembrança das façanhas guerreiras, o fragor dos tiroteios, a vida bárbara e trepidante dos cangaceiros que por ali viveram e amaram, o fascínio selvagem da poesia bárbara dos cantores. E carrega também o éco das vozes maguadas das lavadeiras, nas cantigas dolentes que arrancam do coração, um pedaço da própria vida da terra ardente e da raça morena dos sertões.

ORAÇÃO NA ROÇA

ORAÇÃO NA ROÇA

Agora é a coivara. Derrubada a capoeira, preperado o aceiro, o fogo é ateado, á tardinha, no roçado.

Então as chamas se elevam, ao estálido sêco da garrancharia e do mato ainda verde. Negros rôlos de fumaça que o vento arrasta traçam no ar desenhos caprichosos.

Ao longe, o vermelho das fogueiras parece ferida sangrando no peito da serra. E no quadrado da roça, troncos enegrecidos lembram dedos crispados de corpos combustos. No ar o gavião “peneira”, pronto para flechar sobre os reptis que o fogo chamuscou.

E ostentando a alvura das cinzas, como as rendas do vestido de núpcias, a terra espera o beijo lascivo da chuva para o milagre da fecundação. O homem olha para o céu. Um mundo de esperanças lhe esmaga as pupilas cansadas. Não diz nada mas o coração bate como se rezasse baixinho. Choverá? O ano será bom?

Foi feita a experiênciã de Santa Luzia. Depois a de São José. Então os olhos se alongam para o horizonte. Um dia as nuvens côm de chumbo se reúnem, ao calor da tarde sufocante. E de repente o estrondo do “pai da coalhada”. Ao ribombo do trovão sucedem os pingos grossos. Coriscos fuzilam, zigueza-gueiam no coruto da serra. É quando os sapos aparecem, ninguem sabe de onde, contratados para a festa da água barrenta. Uma alegria doida invade as coisas. Asas de pássaros estalando nas madrugadas. Um cheiro bom de terra molhada como carne de moça depois do banho. As enxadas começam a jaina do plantío, abrindo os sulcos para as sementes. O homem vai á frente, atrás a mulher

e os filhos mais taludinhos. Um cava, outro deita a semente, outro cobre a cova com o pé. Depois o vento desdobrará o pendão verde do milharal. O feijoal ficará pintalgado de flôres miúdas. E a fava, o feijão de corda e de arrancar, o maxixe, o jerimum caboclo e o de leite, a melancia “pingo de ouro” e Aracajú, enfeitarão a paisagem feliz da terra fecunda se oferecendo em frutos.

Vi um homem simples plantando a sua roça, alí no caminho de Inajá! O torço nú, o sol brilhando na carne morena.

Atrás, a mulher de ventre maior que o corpo, parecendo um ba-laios. E as meninas, de cabelo amarelado, o vestido de chita desenhando as coxas, dois garotos sujos de terra, na faina comum.

Puxei conversa:

— A roça vai ficar bonita, meu velho.

— Querendo DEUS.

— Vai ter milho para o SÃO JOAO.

— Querendo DEUS.

Feijão vai dar preço.

— Querendo DEUS.

É assim o sertanejo. Pode não chover e a sêca estender o manto cinzento sobre o sertão. Pode o sol tostar a lavoura e sata-naz aparecer em forma de lagarta, devorando o plantio.

Mas a Fé não sairá do coração do homem.

Porque assim como a água salôba não abandona o leito dos riachos, minando azulada no fundo das cacimbas, assim a Fé permanece, como um veio profundo, no coração do sertanejo.

Eu disse:

— Vai haver inverno, meu velho. Vai haver fartura e safra.
Ele mais uma vez respondeu:

— Querendo DEUS.

E eu acrescentei AMEN, encerrando a oração mais sincera
que já ouvi.

OS HERÓIS ESQUECIDOS

OS HERÓIS ESQUECIDOS

Visitei, na antiga estrada que vai de Custódia ao Sítio dos Nunes, a sepultura humilde dos soldados da Companhia de Bombeiros e da Polícia Militar de Pernambuco, chacinados pelos fúzis e pelas metralhadoras da Coluna Prestes, em 1926.

A matança hedionda daqueles bravos é uma das páginas mais negras da famigerada Coluna. Naquele ano convulsionado, transportada por caminhões, a Fôrça percorria os sertões, no intuito de dar combate aos "revoltosos". Munidos de um receptor portátil, os "revoltosos" conseguiram captar a mensagem transmitida pelo fio telegráfico para Vila Bela, pelo Comandante da Fôrça, avisando que para lá seguiam os combatentes. Cientes disto, os "revoltosos" prepararam a emboscada. Escolheram uma curva de estrada. Por trás das moitas que ladeavam o caminho, estenderam a linha de Infantaria. Assestaram as metralhadoras ocultas nas pedras espalhadas na vizinhança. E ficaram dormindo na pontaria. Para melhor efeito do plano sinistro colocaram na estrada, ao alcance das miras, um chapéu novo, de massa. E reinou o mais profundo silêncio naquelas paragens. Descuidados, na manhã clara, um atrás do outro, seguiam os caminhões legalistas. Mais adiante, a morte os espreitava, na Coluna escondida, de armas a mão, e olho na mira dos fúzis que, de há meses espoucavam, vindos do sul, varando o oeste e centro, derramando sangue de irmãos, semeando a morte e a desgraça, inquietando o Brasil na luta inglória. Foi quando o primeiro caminhão, divisando o chapéu fatídico estacou de repente. Freiada a viatura, os outros que vinham á retaguarda, pa-

raram também. De repente as balas silvaram. De dentro dos marmeleiros, por trás das pedras, do alto dos serrotes. Usando da perfídia e da emboscada, ocultos na caatinga, os “revoltosos” chacinaram aquele punhado de bravos, imolados na manhã sertaneja, em defesa da Legalidade. Colhidos de surpresa pela saraivada de balas que sibilavam em todas as direções, no inopinado do ataque covarde, os pobres praças resistiram o que puderam.

Os cadáveres juncavam o caminho. O sangue ensopava a ribeira escaldante do Riacho da Imburana. Os ditos e impropérios dos “revoltosos” casavam-se á gargalhada satânica das metralhadoras. Depois, consumada a iniquidade, a Coluna reuniu os cadáveres e os colocou nos caminhões. Tiraram gasolina dos tanques. E, como nos autos da Fé da Espanha martirizada pela inquisição, atearam fogo a tudo aquilo. As chamas dansaram no ar. E um rôlo de fumaça subiu muito alto, para o céu luminoso, indiferente na sua grande paz azulada á tamanha selvageria. Dias depois, mãos piedosas recolheram os ossos comburidos, cavaram ali mesmo a sepultura humilde, deitaram na terra as cinzas dos mártires, fincaram uma cruz modesta e cercaram de varas o palmo de chão onde os bravos dormem o sono da morte. Mais de vinte anos já se foram, depois da matança de Imburanas. E lá estão o monte de pedras, a cruz humilde e o cercado de varas onde campeia a magirioba. Descobri a cabeça, emocionado, diante daquele tosco Túmulo de soldado Desconhecido. Confrangeu-me a pobreza daquele quadro. A injustiça daquele abandono. A mágua daquele esquecimento. Então meditei no destino daqueles soldados anônimos

que morreram ali, no descampado dos Sertões, em defesa da Ordem e da Legalidade. Aquela lição de civismo, aquela página de bravura escrita com o sangue dos Bombeiros e dos Praças pernambucanos não pode ficar relegada ao olvido. Aquela sepultura é uma legenda de civismo. De heroísmo. De fidelidade aos princípios cristãos que presidem, desde o berço, aos destinos do Brasil. Apelo desta página do velho DIÁRIO, para os srs. Comandante do heróico Corpo de Bombeiros e da gloriosa Polícia Militar de Pernambuco, para que, saldem a dívida contraída com os soldados anônimos que tão alto souberam manter e elevar, mesmo á custa de sangue, a tradição da bravura e do civismo destas Corporações Militares que honram Pernambuco e o Brasil, mandando construir uma sepultura condigna para aqueles bravos, afim de que as novas gerações se curvem orgulhosamente diante daqueles heróis esquecidos que repousam no seio quente da terra sertaneja. E nas páginas da História.

EVOCAÇÃO DE CUSTÓDIA

EVOCAÇÃO DE CUSTÓDIA

Meu pai era farmacêutico na vila. O velho Manuel Cristovão dos Santos atendia vinte léguas ao redor, montatado numa fubica Ford, curando mazelas, ajudando a nascer os caboclos sertanejos, às vezes operando milagres, como no salvamento de Antonio Caipora, que levou um tiro de fuzil, na “taba-da-venta” do soldado Euclides e hoje está vivo para contar a história e a perícia do velho Cristovão. Naqueles mundos, sem recursos médicos, meu pai era um herói anônimo, atendendo a quem o procurava, de noite ou de dia, correndo risco de vida como na vez que Lampeão mandou buscá-lo, noite alta, por um mensageiro suspeito, pretextando um parto nas vizinhanças quando em verdade, bem pertinho, o bandido estava com três “cabras” baleados. À hora da saída, por intuição, minha mãe desconfiou daquele chamado a “pêso de ouro” na madrugada deserta. No outro dia sabia-se da realidade: Lampeão tencionava incorporar á tropa “um doutor” para tratar dos feridos nos tiroteios. Naquela vida áspera de terra bárbara, com as volantes do tenente Higino batendo as estradas, as alpercatas rangindo e ò sol faiscando no aço dos mosquetões, no meio ambiente agressivo onde as notícias dos tiroteios sangrentos agitavam a vila, como o estrondo dos trovões de março, havia algo de estranho e novo para minha sensibilidade. Era um homem baixo e moreno, cujo nome esqueci, que invariavelmente nos dias de feira chegava logo cêdo á casa do comerciante Leopoldo Mafra. Entrava em silêncio e tranquilamente se encostava ao balcão. Também em silêncio tomava a sua “bicada”. “Seu” Leopoldo trepado num

tamborete, tirava da prateleira ao lado direito uma sanfona e a entregava ao homem. Ele se sentava, cruzava as pernas, ascendia um cigarro, pendia a cabeça sobre o "fole" e corria os dedos ágeis sôbre o teclado, nas variações. Então vinha a música, doce e envolvente, feita das amarguras da gente humilde, irmã da alma dos retirantes e do canto maguado das juritis. "Seu" José Guilherme — hoje profícuo Coletor em Pesqueira — quedava-se, mãos nos bolsos, os olhos perdidos no além, extasiado com a sanfona humilde. Eram valsas chorosas, o baião, as toadas dolentes que vivem no coração do povo e a sanfona as arranca para a vida exterior. Eu estava de lado, imóvel e embevecido. Nenhuma força humana era capaz de me tirar dali. Nem os cantadores no páteo fronteiro no meio da feira, cantando a **História do Capitão do Navio, o Encontro do Satanaz com o Padre Cicero, a Donzela Teodora**, versos do imenso poeta negro Catingueira e de Romano da Mãe d'Água. Nada me arrastava dali. Eu ficava ouvindo a música preso á mensagem poética daquele artista bárbaro que fascinava a minha sensibilidade de criança com a música que anos depois, deu fama e dinheiro a Luiz Gonzaga. Ainda hoje ao ouvir uma sanfona recordo o artista anônimo, o músico humilde que transmitiu ao meu coração de menino a poesia da alma da minha gente.

UMA QUADRILHA NA PEDRA

UMA QUADRILHA NA PEDRA

As moças e os rapazes voltam para férias e as cidadezinhas tomam outra vida. Elas se enchem de sangue novo, de vibração, de movimento quebrando o marasmo. Organizam festas, promovem jogos de volei, agitam a cidade que parece adormecida, quando os estudantes se ausentam para os colégios.

Outro dia organizaram uma festinha na Pedra. Alugaram o salão do cinema de "seu" Eulampio, mandaram vir a "orquestra" da vila de Venturosa e na terra do deputado Padre Simões tocou a "regional" da vila do deputado Justino. A sanfona gemia o "Jua-zeiro" de Luiz Gonzaga. Perna cruzada, cabeça pendida em cima do "fole" mestre Horonides caprichava na toada comovedora do maior filho de Ouricuri. O camarada do ganzá, fechava os olhos, no compasso seguro. E o sujeito do violão — moreno e magro, pé trepado no tamborete, corria os dedos ageis nas cordas, com tanta unção artística que faria inveja a Chopin mergulhado na surdez genial, incendiando a alma da Polônia. No final das contas são realmente artistas, no sentido exato, tanto os que se aprofundaram nos estudos como os que trouxeram do berço a vocação da música, como esses artistas anônimos do povo, sem cultura, tocando "de ouvido", enternecendo quem os ouve arrancar das sanfonas e dos violões a mensagem poética da música eterna.

No meio da festa, o velho SERRA AZUL pateu palmas e anunciou uma quadrilha. Os cavalheiros "acertaram" as damas e os pares se organizaram para a evocação em quadro vivo da velha e saudosa dança dos antepassados. Em verdade a quadrilha

morreu. Foi expulsa dos salões. Cedeu lugar ao samba, á rumba, ao bolero. Aqui no sertão, porém, vez por outra a quadrilha dá o ar da sua graça. Quando a sanfona tocou, alguns velhos entraram na dança, misturados com os moços como se procurassem enganar a si mesmos, evocando o bom tempo da mocidade perdida. Outros, porém, ficaram apenas observando. Tinham o olhar pregado na quadrilha, no movimento dos pares, nas mesuras do cumprimento ás damas, nos volteios gentis, nos braços que se cruzavam, no vis-a-vis alcoviteiro de namôro. O velho SERRA AZUL gritava as “ordens” comandando a quadrilha.

Um vento macio vinha da serra, agitava as cortinas encarnadas do salão e alisava de manso os cabelos das moças. Foi quando eu observei a tristeza de alguns velhos. Por que a quadrilha cresceu na sala, avançou no Tempo e os levou para longe como na mensagem de Proust em busca do tempo perdido.

A voz pastosa de SERRA AZUL com o seu “penache” de marcador, a quadrilha rolando animada, a música dolente, eram bem a mensagem de um tempo perdido que ressuscitava por minutos, no milagre da evocação, naquela noite de céu estrelado, cobrindo a cidade tranquila, de vento suave agitando as cortinas vermelhas do cineminha da Pedra.

A LINGUAGEM DO MOXOTÓ

A LINGUAGEM DO MOXOTÓ

SINONIMOS:

JUMENTO: — Jegue — babáu — polodóro — gericó — fófaterra — paió de cinza — doutô — sacristão — João besta inspetô — pai de lóte — alicate — lopreu — gangão — peledéu.

AGUARDENTE: — Caéba — pinga — cana — lapada — esquente — bicada — birita — cabóbra — marvada — branquinha — góle — pórrre — dá-uma — meióta.

CACHORRO: — Gonzo — guenzo — gôzo — cão — cade-lo — truante.

TERMOS DA GIRIA:

Esquenta-mulher — Zabumba.

Fuleima — postema, ferida.

Positivo — portador de carta.

Lascarino — bruto, áspero, mau.

Malaquiçar — bater manteiga (nata) com a mão.

Mafeixuliço — manhas do marido com outras mulheres.

Azêdo — cachorro doente.

Lapiar — arranhar.

Caquear — procurar arma na cintura.

Dar teiar — dar certo.

Tuxelar — faltar ao compromisso.

Dar de corpo — fugir.

ADÀGIOS:

O pouco com Deus é muito.

Resposta de coice é patada.

Quem acalenta homem é maleita.

Descendo todo santo ajuda... e satanaz empurra.

Tempero de fava é maxixe.

O muito sem Deus é nada.

Velho e rêde se acabam pelo fundo.

A BELA E A FERA

A BELA E A FERA

Jaime Pires Ferreira é comerciante em Sertânia. É um sujeito magro, ossudo, falando pouco e trabalhando por dez. Nos vagues do balcão, deixa o “metro” e apanha a caneta para dirigir o O REGIONAL, simpático e atraente jornalzinho da “Princesa do Moxotó”. Ao seu lado, na trincheira heróica, estão o bancário Artur Lima que desceu do oasis de Triunfo e deitou raízes na terra adusta, o comerciante Alcebiades Araujo, capaz de abandonar os sacos de cereais do seu armazem de compras para servir a quem aparecer por alí, necessitando um favor ou a solução de um “caso”, o medico Raul Lafaiete, furando o mundo na baratinha azul, atendendo a matutada, tenha ou não dinheiro para pagar a consulta, conquistando aquela gente com a sua bondade de médico cristão, de alma franciscana e o geitão de Jéca Tatú depois que tomou Biotônico Fontoura e outros tantos abnegados. Ante-ontem fui assistir a coroação de “Miss” Sertânia de 1950, eleita em ruído concurso promovido pelo O REGIONAL. E que festa de estouro, fez o jornalzinho de Jaime Pires. O prefeito Arconcio Lins cedeu gentilmente o Salão Nobre da Prefeitura que foi pequeno para comportar os gregos e troianos alí reunidos, maravilhados com aquela festa encantadora.

O maestro Chiquinho estava em plena fórmula dirigindo a grande orquestra de Sertânia, que bem poderia tocar para os granfas do Internacional e mostrar na capital o que vale a inteligência sertaneja. Pois bem, a coisa estava assim de encher a alma. Muita gente, música e alegria. Foi quando “Miss” Sertânia chegou ao

Salão Nobre, ao lado do juiz Hermes Paraíba e do famigerado cabo eleitoral Olavo Siqueira Pecó. Eita, que barulhada, palmas e vivas, estremecendo os alicerces!

Bem que valia a pena tanto barulho, pois a "Miss" Jovita Lopes, airoso e flexível, morena trigueira de olhos negros, ostentando um lindo vestido branco era bem a representante da beleza sadia da mulher sertaneja. Então, a pedido do Jaime "sapequei" um improviso saudando a beldade, em nome do jornalzinho. Depois falaram o juiz Hermes Paraíba e o deputado Ulisses Lins, que arrancaram palmas da Assistência. Era a coroação da Rainha e o torneio literário. Imagens poéticas e a própria poesia no riso claro, na boca fremente, nos olhos da "Miss". Ao lado da rainha, as princezas Irací Patriota e Terezinha Blandino, — a loira e a morena — que vão dar dôr de cabeça no próximo concurso. Então "Miss" Sertânia foi coroada. Na sua negra cabeleira ficou refulgindo a corôa doirada. E toda ela refulgia, sentada no trono, os olhos brilhando, muito risonha e emocionada. Nisso o maestro Chiquinho ergueu o braço e a orquestra executou o Danubio Azul. Os pares começaram a rodopiar no salão. Naquela hora, Sertânia dava uma lição de sensibilidade artística homenageando a beleza das suas filhas. A velha valsa vienense saiu do salão, invadiu a praça fronteira, derramou-se pela cidade toda e subiu para o céu onde fulgurava um luar magnífico. Porque a lua também compareceu em grande gala, á festinha inesquecível com que O REGIONAL corôou a morena Jovita Lopes, Rainha da beleza, tão cheia de graça amavel, irmã das quixabeiras floridas, filha querida do sol, princezinha morena dos sertões do Moxotó.

RIACHO DO MEL

RIACHO DO MEL

Os Lopes formam uma das grandes e mais antigas famílias do Pajeú. Deu chefes políticos, fazendeiros, deputados, comerciantes e vaqueiros afamados na “pega do boi”. Ainda hoje se fala no velho Manoel Lopes, da MACAMBIRA; em Chico Lopes da antiga Alagôa de Baixo, hoje risonha Sertânia, pai do deputado Alcides; no velho Cazuzinha Lopes, político afamado naqueles mundos e outros cujos nomes ficaram ressoando pelas ribeiras do Pajeú. Hoje a fazenda RIACHO DO MEL é um capítulo vivo de tradição, onde o Major Possidônio e dona Senhorinha guardam intactas as virtudes da terra e da gente sertanejas. Domingo passado o casal abriu as portas da fazenda para receber os amigos. A casa fica á margem da estrada e tem os ares de fortaleza com as suas janelas estreitas, os alicerces dobrados, o madeirame de olho de barauína. Nas paredes estão as aberturas da “bróca” onde se preciso fôr estrondam os cruzetas e mosquetões, em casos de assalto. Porque ai de quem tentar “balançar” as portas do velho casarão do Major Possidônio. Não seria amigavel a “recepção” da fazenda onde nasceu o deputado Diomedes Lopes. Quem conhece a “bróca” das fazendas sertanejas, compreende o que eu estou dizendo. Quando menos o sujeito espera, lá vem a saraivada de “bezouro estrangeiro” de cima, de lado, de baixo, sem direção segura, varrendo toda a frente da casa. Sou “freguês” do cafézinho forte, da feijoada, da rêde de varandas, do leite grosso, do queijo da fazenda do Major Possidônio. Quando venho de Tabira ou de Afogados costumo alí descansar os ossos e sacudir a poeira vermelha

do Pajeú. Paro o fordéco á sombra da baraúna. O Major e dona Senhorinha me recebem com as normas da velha hospitalidade sertaneja. Á noite na calçada, sob o céu estrelado, fazemos uma “reunião” porque aparecem os amigos, inclusive a autoridade: “seu” Aparício, de revólver pendente no cinturão, distilando os boatos políticos. Então surgem as anedotas. As histórias do Major Possidônio misturadas com os versos do repentista Antonio Marinho, nascido no “pacífico” São José do Egito. Voltemos, porém, ao almoço de domingo último. Logo no sábado começou a chegar gente. No domingo mais de cem convidados estavam em RIACHO DO MEL. As chuvas da véspera encheram o açude que estava uma beleza. E, molhado e verde, era um céu aberto aquele pedaço do Pajeú. Ao meio dia o Major mandou que a orquestra silenciasse. E foi servido o almoço suculento e farto, na mesa enorme, onde médicos, fazendeiros, advogados, estudantes, moças risonhas, eleitores graúdos do Major não puderam esconder os elogios por aquele almoço que fazia inveja a D. João VI. Porque em verdade além da carne assada á moda sertaneja e do cozido de vitelo, fumegavam gordos capões na cabidela que estavam de se estalar a lingua. Deitei o verbo em nome dos presentes, agradecendo tanta coisa bôa. Depois recommçaram as danças. Automóveis e caminhões se alinhavam lá fóra. E mais gente chegando. Lá estavam inúmeras famílias. No meio da festa emprestando uma nota de simpatia, várias senhorinhas de Sertânia, Afogados da Ingazeira, Pesqueira e Triunfo. RIACHO DO MEL estremecia de alegria esfuziante. “O Regional” caprichava nos sambas e nos boleros. Dona

Senhorinha não deixava que faltasse nada aos presentes, auxiliada por Teófila, Iolanda e d. Maria Alice. Então, antes do jantar, os cantores Joaquim Vitorino e Beija-Flôr terçaram as armas dos repentistas, sentados no meio da sala e sôbre as pernas cruzadas as violas gemedoras. De manhãzinha os convidados se despediram com a saudade machucando a alma. Da curva da estrada ainda divisei RIACHO DO MEL onde o Major Possidônio, Dona Senhorinha e filhos continuam mantendo a nobre tradição da hospitalidade e da fidalguia das grandes fazendas dos sertões de Pernambuco.

“REVISTA DO AGRESTE”

"REVISTA DO AGRESTE"

Devo uma palavra de agradecimento aos que fazem, na próspera cidade de Caruarú, a "Revista do Agreste". A Mario Alves da Costa e Celso Rodrigues, duas inteligências moças, que honram os foros culturais da Princesa do Agreste e a nova geração.

A revista que eles dirigem é, sem favor, um dos pontos altos do patrimônio da dinâmica cidade que Pedro de Souza administra, ensinando a muito prefeito por êste Brasil a fora como se governa com honestidade, critério e decência, dando conta da confiança com que milhares de eleitores livres, numa campanha memorável, lhe entregaram os destinos da terra comum. Hoje em dia falar na "Revista do Agreste" é falar na melhor e mais sólida contribuição que o interior oferece á literatura. Sei dos sacrifícios e das canseiras que esses moços vencem, contanto que Caruarú apresente ao Brasil uma revista que honraria qualquer metrópole. Destroem a diferença de uns, a descrença de outros e realizam a golpes de tenacidade, a obra admirável de afirmar a inteligência sertaneja.

Inteligência e sensibilidade de vocações literárias esquecidas no borralho das cidadezinhas do interior, longe das "igrejinhas" das capitais que "fabricam", com a ferramenta dos elogios mútuos, poetas, sociólogos e romancistas, com a mesma facilidade com que os "camelots" da Praça do Mercado, fabricam sabão milagroso pra cocceira e banha miraculosa para sarna. Certa noite, em companhia de Airon Rios, visitei os rapazes da "Revista do Agreste". Encontrei-os juntos de Azael Leitão, na tipografia, lapis á mão, revendo provas, escrevendo, ageitando a Revista, ás vésperas da

publicação. Contaminei-me com o entusiasmo sadio daqueles moços dignos que afirmam a inteligência inquieta do interior. Um dia, quando se escrever a história das novas gerações literárias do Nordeste, esta revista de Caruarú terá o seu capítulo. Pelo valor que ela possui. Pela inegável vocação dos que a dirigem. Pelo ideal que ela acalenta e aquece tão alto como as formosas estrelas das noites macias da "Terra dos Avelozes".

OS DESBRAVADORES

Para

MARIA NOGUEIRA MACHADO

*— sertaneja de São Pedro do Cariri e academica
de Medicina, a quem devo valiosas sugestões
para este livro.*

OS DESBRAVADORES

No princípio era a fazenda. Casa larga, de alicerces de pedra, com ares de fortaleza, dominando sobranceira a paisagem em redor. Conheço as ruínas de algumas, evocando na mudez dos alicerces abalados a grandeza do passado, quando as primeiras fazendas de gado lançaram nos descampados do sertão, a semente das vilas e das cidades. A velha fazenda da CONCEIÇÃO, no Riacho do Navio. A do CARVALHO, do velho Candido Siqueira. CACIMBA NOVA em terras do município da Custódia. A de MALHADA DO BOI, em Betânia. Ruínas que também aparecem nas terras do agreste, como a casa da PINGADEIRA, a do DESERTO, os restos heróicos da casa-grande, ali na Boa Vista, nas terras que foram da fazenda BRÊDOS, onde nasceu o velho amigo Leonardo Pacheco e cuja memória, ainda esplêndida, evoca vez por outra, a grandeza solene daquela fazenda — marco da civilização nesses agrestes de Pernambuco. Umas eram solenes e patriarcais, as janelas rasgadas na frente, madeiramento grosso e portas feitas para resistir aos ataques. Outras deixavam ver nas paredes o furo das “brocas” onde se colocava, a boca hiante dos bacamartes, como a casa da MALHADA DO BOI e a do RIACHO DO MEL, do Cel. Possidônio Gomes. Todas com o seu ar severo de fortalezas-mirins, feitas para a época atormentada e trepidante do desbravamento. O homem, esse vinha do litoral, tomava o caminho de então e mergulhava com a família, as sementes, as armas, o primeiro gado, a fé e a esperança lampejando nos olhos, na grande aventura para o desconhecido. Do litoral

para a terra semi-bárbara. Para o sertão que ficava longe. Concedida a data da terra, era partir para colonisa-la. O caminho real de penetração, passava por Brejo da Madre de Deus, atrevessava Cimbres, varava o Pajeú das Flores e ia morrer à beira do São Francisco. Também o colonizador descia da Casa da Torre, de Garcia Dávila, na Bahia subia o São Francisco e tomava o roteiro dos rios do sertão — o PAJEÚ, o MOXOTÓ, o BRÍGIDA, o RIACHO do NAVIO — e avançava para a conquista da hinterlândia. Escolhido o local, próximo ao rio em cujo leito surgia a cacimba benfazeja, erguiam a casa, ao lado o curral de pedras ou toros de baraúna e campeando no alto, a igrejinha branca, como um sinal de paz, no meio de tanta luta. Começava a função sociogeográfica do gado, na terra sertaneja. A fazenda seria a futura vila. Ilha, no deserto cinzento da geografia humana que surgia, entre quixabeiras e mandacarús. Ponto de concentração social. Humanização da caatinga. Primórdios daquela “civilização do couro” de que nos fala o mestre Capistrano de Abreu:

— “De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos, de couro todas as cordas, a borracha para carregar a água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar a roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de facas, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes o material de atêrro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu pêso; em couro pisava-se ta-

baco para o nariz.”

Os homens eram os Siqueiras, os Cavalcantis, os Barbosas, os Lins, os Albuquerque, os Leites, os Campos, os Pereiras, os Carvalhos, os Souzas. Novas famílias surgiram com os entrelaçamentos. Homens acostumados a domar o sertão bruto, desbravar caatingas, conquistar tapuias, na fase primeira da formação social da terra. Observo a ausência do negro, no alto Pajeú. Êle ficou na ribeira do Moxotó. O desbravador não o trouxe para o grande rio sertanejo. Talvez o temor dos *quilombos*. Do escravo que, às vezes, se transformava em perigo para a vida da colonização nascente. A lembrança das insurreições negras, nas quais, embora passivo por condição, o escravo erguia o braço para as vinditas tremendas. O certo é que o negro não veio para o Pajeú. Ou, tão pouco chegou que o sabão da miscegenação lhe lavou a face retinta, atravez dos cruzamentos.

Basta observar a população que domina a parte alta do rio heróico do sertão. Observem as “feiras” de Tuparetama, de Tabira, de São José do Egito, de Flores, de Carnaíba, de Ingazeira e dos Afogados. Ali desfila toda uma população, traindo no facies, o traço marcante do carirí, senhor e dono da terra. Vejam os olhos de amêndoa. Os negros cabelos escorregadíos. Os zigomáticos salientes. A implantação da vida pastoril, criou tipos fortes, de esplêndido índice físico, com hábitos virís, rudes e bravos, misturados, é verdade, com muita gente branca, de olhos azuis e cabelos de “flor de algodão”. Desbravando a terra, o branco se apoderou da raça tapuia, no doido abraço de cruzamento para me-

lhor subjulga-la. A solidão dos descampados lhe atiçou a fome do sexo. E muito *portuga* de longos bigodes e botas de couro possuiu tapuias novas, à sombra alcoviteira das baraúnas. O deserto lhe acordava o instinto gregário. Também não era para menos, porque para êste nordeste, talvez da leal capitania de Pernambuco, veio muito degredado de Portugal, por causa dos “pecados do amor” da santa Inquisição. “Pecados — diz Manoel Dié-gues Junior — para os quais as autoridades lusitanas eram tão severas, eles deveriam ter contribuído para trazer ao Brasil homens fortes e sadios, talvez alguns tipos físicos vigorosos, no que diz respeito aos pecados de amor, muitos deles ágeis raptôres de donzelas, amantes de mulheres casadas, namorados de freiras”. Êsses pecados encontraram ambiente próprio na terra. O Pajeú apresenta a gente mais característica da geografia humana do sertão pernambucano, rica no seu conteúdo de traição espiritual e física, oferecendo subsídios importantes para os que quizerem à luz da moderna Sociologia estudar e interpretar a formação histórica do desbravamento e da conquista da hinterlândia pernambucana. Em verdade, há muita coisa interessante, além das botas de couro e dos bacamartes dos nossos antepassados.

OS CANTADORES

Para

RAQUEL DE QUEIROZ

ASSIS CHATEAUBRIAND

e

ANIBAL FERNANDES

OS CANTADORES

Parecia até propósito, aquela lua enorme no ceu lavado sem nuvens. No hotel da cidadezinha serviam o jantar. Duas morenas saudáveis, de lábios pintados e porejando vida, indo e vindo com os pratos fumegantes, distribuíam sôpa e sorrisos para os hóspedes. Refastelada numa cadeira preguiçosa, junto ao rádio, tendo ao colo um gato manhoso, a dona do hotel — uma senhora gorducha e simpática — dava as ordens:

— Maria da Penha, cadê a sôpa de “seu” Arcônço?

— Das Dôres, veja a sobremesa deste rapaz.

E as “garçonettes”, volteiando as mesas, solícitas e ligeiras, passeiando na sala barulhenta o desabrocho quente da mocidade, matavam a fome e acordavam desejos, a rija carnação e os seios rígidos tremendo na liberdade dos vestidos simples. Foi quando chegou o snr. delegado. Entrou marcial e solene, depôz o quepi no cabide, com um meneio de cabeça cumprimentou a todos, e, solene e marcial, atravessou o salão, sentou-se, aumentou dois furos no cinturão e de voz macía, quebrando um pouco do ar severo de autoridade:

— Meninas, estou ás ordens.

Então Das Dôres e Penha trouxeram num minuto, o guardanapo de riscadinho azul, o talher, o prato fundo, a colher de sôpa. Depois vieram com o leite quente e um enorme cús-cús para o snr. delegado. Ainda macío, com um gesto lhano, ofereceu aos presentes o seu “cuscuzinho”. Todos agradeceram a amabili-

dade e um matuto de barba intonsa e olhar vivo de raposa, foi mais eloquente para com a "otoridade":

— Bom proveito "seu" major.

O delegado (que era sargento) agradeceu a atenção e mais ainda a promoção. E todo um ar de beatitude, de regalo íntimo, lhe banhava a face rotunda, quando a grossa colher, em golpes certos, começou a desbastar o cús-cús. Num recanto, dois caixeiros viajantes faziam o balanço das vendas, rabiscavam contas, preparavam o relatório daquela "entrada" pelo sertão. Noutra mesa, feireiros esperavam que o chofer terminasse a "janta" para o regresso à vila, no caminhão parado à porta. Findo o repasto, o escrivão da coletoria deu início a uma conversinha sobre política. Outros entraram no bate-papo. E a coisa se generalizou de mesa para mesa. Vieram os nomes dos candidatos, dos bons e dos "ratos", os salvadores da Pátria desfilando naquele hotelzinho modesto, com as suas lábias e a sua demagogia, as mãos rapaces tentando salvar o Brasil da beira do abismo, mas em verdade o empurrando ainda mais. O matuto de olhar de raposa falou no "governo", Com êle o voto era pra quem estivesse "de riba". Que esse negócio de perseguição só dava certo pra quem tivesse "cangote duro". E olhando de sosláio a "otoridade", pagou o jantar e desapareceu do meio da conversa. O snr. delegado nada dizia, a palestra rolava, surgiam frases que os jornais traziam e patati-patatá. O cús-cús é que diminuía a olhos vistos. Findo o jantar foram colocadas cadeiras na calçada. Parecia brincadeira aquela luzinha elétrica piscando na rua, sob o luar poderoso, clareando

tudo, as serras e as casas, a cidade toda, com ares de sono logo cedo. Foi quando um sujeito deu a notícia:

— Chegaram dois cantadores e vão tocar viola no café de “seu” ZÉ BENTO.

A notícia me interessou, abalei-me para o “mosqueiro”, em cuja frente havia uma placa mal feita, ostentando um letreiro pior:

— CAFÉ VENCEDOR

AMBIENTE FAMILIAR E COM HOSPEDARIA —

No meio da sala acanhada os cantadores estavam sentados, de pernas cruzadas, afinando as violas. Em redor, seu ZÉ BENTO dispuzera cadeiras e tamboretas. Varias pessoas, inclusive mocinhas risonhas, já se encontravam à espera da cantoria. Alguem me ofereceu uma cadeira:

— Sente doutor, o snr. falou muito no juri de hoje, por sinal gostei muito.

Agradei a gentileza da professorinha. Sentei-me e esperei também o desafio. Então, com mais força, os cantadores repinicaram as violas. Um era alvo, de óculos claros, cabelos para traz, ostentando certo ar de superioridade sôbre o outro, que era um moço moreno, atarracado de corpo, com alguns anéis nos dedos e um broche ordinário rutilando na gravata. Primeiro cantaram uns versos de saudação “ao distinto auditório enfeitado por tanta donzela bonita”. Depois o martelo. O galope a beira-mar. As palmas reboaram. A mim coube uns versinhos que me custaram caro:

“Estou vendo o advogado
Que conquistou a cidade

Moço fino e educado
 Cheio de capacidade
 Bateu-se com o promotor
 Demonstrando o seu valor
 Deu aos prêsos liberdade”.

Então “seu” ZÉ BENTO, serviu quinado aos menestréis. Recolheram o dinheiro que se avolumava, no chapéu de massa, colocado em cima de um tamborete, no meio da sala. Alguem pediu que êles cantassem uns versinhos de amor. E, no silêncio que se fez, os cantadores prestaram uma grande homenagem a um “irmão da opa”, também como êles poeta do povo, menestrel dos sertões, cantador afamado, ostentando na viola enfeitada de fita, a alma da terra lendária do Pajeú e cantaram uns versos do grande Zabelê, que diziam assim:

“Não sei se Deus fez os home,
 Mas porém fez as muié:
 Uma só morena dessas:
 Tem tudo que a gente qué”.

As palmas reboaram, um curto-circuito incendiou a assistência, as violas repinicaram de novo:

“Outras vez essas cabôca
 Tudo dão e com fartura:
 A noite de seus cabelo
 E o luá da formusura”.

A professorinha olhou para mim, os olhos brilhando, o belo sorriso sadio, como se entre os lábios frescos prendessem um escravo branco.

“As tristeza vão-se embora
Do peito da criatura;
Inté mesmo é um prazê
Um tiquinho de amargura.

As moça do meu sertão
É um ceu e um cabedá;
Deus me mandando uma delas
Pode o mundo se acabá.

Tem lá dentro da garganta
O canto dos passarinho
E nas denguice da fala
Os dengo que hai nos ninho.

Tem a noite nas pestana
Tem na luz dos óio o dia,
Na boniteza do corpo
Tem as maió maravia...

Então olhei para a professorinha e dei um suspiro tão do íntimo que o coração parecia querer falar, dizer versos, uma canção, qualquer coisa para aqueles olhos de veludo negro, para aquele sorriso irmão dos cravos que florescem nos sertões, mais belos do que os lírios de Salomão. Não disse nada, mas a professorinha me entendeu, naquele minuto de poesia selvagem escorrendo das violas, da noite enluarada.

“Quem já correu muita terra
Moças iguá não achou
A fôrma em que Deus fez elas
Logo depois se quebrou.

Pode havê pulas Oropa
Muita riqueza e brancura,

Mais é aqui no sertão
Onde mora a fermusura.

Aos amô dessas morena
Ninguém, ninguém arreseste
Elas tem todo os encanto
Todo o calô do nordeste”.

Os rapazes que ouviam a cantoria fizeram um barulho tremendo quando os poetas cantaram:

E mesmo que se arresorva
Vivê-se no caritó,
Cai-se um dia na arataca,
No cipoá de um chodó”.

“Seu” ZÉ BENTO serviu mais um gole. A saleta não comportava mais ninguém. O som das violas se derramavam pela rua. E com êle a doce voz dos cantadores, irmãos das azas-brancas e das juritís:

“Se a raça dessas muié
Mandasse Deus acabá,
O só perdia o calô
O ceu perdia o luá.

E o sertão dos imbuzeiro,
Dos velame perfumado,
Ficava sendo um deserto,
Medonho, amardiçoado.

Pode o mundo pegá fôgo,
Pode a terra se arrazá;
Tendo o amô de uma morena,
Tenho a terra, o céu e o má.

Quando penso nessas coisa,
 Nesses milagre do amô,
 Cada vez mais acredito
 Nos podê do Criadô”.

As muié tão delicada
 Só com a voz e com os oiá,
 Põe este mundo às avessa
 E às vez de perna prô á.

Elas faz de paraiso
 Um inferno abrazadô,
 De um inferno um ceu aberto
 Entupido de fulô”.

No fim, os poetas disseram em quatro versos, a razão de ser das violas e deles mesmos, cantando por aqueles mundos, não dormindo nas noites de lua, alheios de a tudo, sem a certeza do pão de cada dia, vagando pelas fazendas e vilas, enchendo de poesia os terreiros limpos nas festas dos casamentos, espalhando por toda parte a riqueza que Deus lhes deu que é a poesia, pura e limpa como a agua da palma dos gravatás:

“Ah! morenas feiticeira,
 Que Deus um dia inventou!
 Se não fosse os oiá delas,
 Não havia os cantadô”.

Noite alta encerram a cantoria. Eu é que fiquei olhando a cidade adormecida sob o manto da lua, que é pecado se dormir numa noite daquelas, com violas e cantadores. Lembrei-me da professorinha amoravel, — estranha flor morena — alma romântica,

de olhos de veludo líquido, de sorriso brincando nos lábios e de meigo coração sonhador, que coração de moça donzela, nas noites de lua, é irmão das violas, gemendo baixinho, pedindo noivado, pedindo beijos, pedindo casório.

INDICE

Prefácio	1
Terra do Sol	3
Visão de Ipanema	7
Frei Damião	11
Caminho da Infância	17
Trecho de Novela	23
O Roteiro Perdido	29
As Lágrimas do Prêso	35
Os "Generais" de Chapéu de Couro	41
A Zabumba e o Cangaceiro	47
A Donzela Teodora	53
Do São Francisco ao Pajeú	59
O Vigário de Sertânia	65
Cabocla	71
As Lavadeiras do Moxotó	75
Oração na Roça	81
Os Heróis Esquecidos	87
Evocações de Custódia	93
Uma Quadrilha na Pedra	97
A Linguagem do Moxotó	101
A Bela e a Fera	105
Riacho do Mel	109
Revista do Agreste	115
Os Desbravadores	119
Os Cantadores	125

Do autor:

HINO AO SERTÃO (Poesia)

Prima Editora - Arcoverde - 1937

ADOLESCÊNCIA (Poemas)

Geração - Editora - Recife - 1938

No prelo:

O CARDEAL ARCOVERDE

(Em colaboração com Airon Rios)

Em preparo:

A PAISAGEM HUMANA DO PAJEÚ.

(Tentativa de interpretação de um rio)